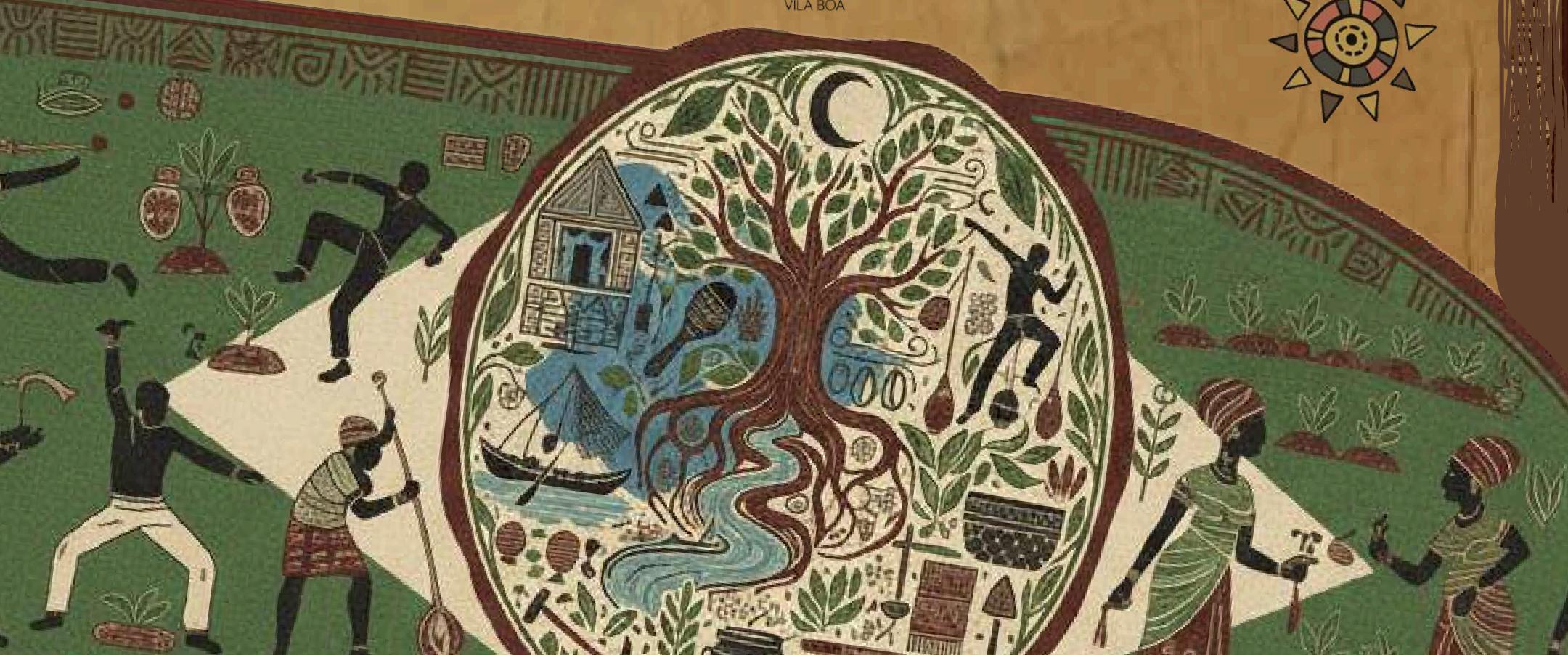


PROJETO PET MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

CARTILHA 2025

# FUTURO ANCESTRAL

OS SABERES DAS COMUNIDADES  
TRADICIONAIS FRENTE AS MUDANÇAS  
CLIMÁTICAS.



# SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	03
CONHECER.....	07
ESTUDAR.....	16
ENXERGAR.....	20
PESQUISAR.....	22
DEBATER.....	25
TORNAR ACESSÍVEL.....	26
PRINCIPAIS REFERENCIAS.....	36

# PREFÁCIO:

O Programa de Educação Tutorial (PET) tem por propósito para dar suporte pedagógico com vistas a melhoria do desempenho acadêmico de estudantes, através da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Nele, as atividades coletivas do aperfeiçoam habilidades essenciais para o crescimento pessoal, a formação acadêmica e o mercado de trabalho, conferindo autonomia e incentivando o engajamento em atividades diversas.

E é, a partir dessa diretriz que o PET Vila Boa surge no cenário da UFG/campus Goiás e vem desde 2010 reunindo bolsistas e voluntários em seus projetos, além de envolver a comunidade acadêmica em atividades informativas e formativas. A principal matriz teórica debatida no PET Vila Boa é a decolonialidade, orientando práticas acadêmicas críticas que busquem superar paradigmas coloniais e valorizar diferentes saberes e perspectivas. Sua composição, que integra estudantes de diferentes cursos alocados na Unidade de Ciências Sociais, promove a interdisciplinaridade e uma formação acadêmica plural.

No ano em que completa 15 anos de atuação, o PET Vila Boa, através do Projeto “Memória e Pertencimento” tem o prazer de apresentar uma série de produções de seus integrantes que envolvem o estudo dos saberes das comunidades tradicionais, ao mesmo tempo em que problematiza a temática das mudanças climáticas, tão em voga nesse momento, já que o Brasil sedia a COP30.

O Projeto “Memória e Pertencimento” tem por objetivos propiciar o conhecimento criativo através do direito à cidade e à memória; debater sobre recursos e espaço públicos e preservação ambiental e patrimonial, além de exercer o direito à cidade através da resistência à mercantilização do espaço urbano. Assim, o projeto utiliza a linguagem criativa para expressar as percepções dos integrantes do grupo e informar a sociedade em geral.

Assim, a presente cartilha foi organizada com os seguintes marcadores: Conhecer, Estudar, Pesquisar, Debater e Tornar Acessível, a fim de que as produções que envolvem conhecimentos, saberes, críticas e ensinamentos possam chegar, de forma acessível, ao maior número de pessoas e possa influenciar, de alguma maneira, novos debates.

De forma que o PET Vila Boa oferece a Cartilha FUTURO ANCESTRAL a toda a comunidade.

**Boa Leitura!**

# POVOS TRADICIONAIS

## Brasileiros

CONHECER

POR: NAYLA MILENA



## Comunidades e povos tradicionais: quem são?



As comunidades tradicionais são grupos social e culturalmente diferenciados, que se organizam a partir de práticas próprias, modos de vida e formas específicas de relação com o meio ambiente, transmitidas de geração em geração. Elas ocupam territórios específicos e estabelecem com eles vínculos históricos, simbólicos e produtivos que garantem sua reprodução social, cultural, religiosa e econômica. O Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima destaca que esses povos mantêm uma interação diferenciada com a natureza, baseada no uso sustentável dos recursos, no respeito à biodiversidade e na preservação de seus conhecimentos tradicionais. Além disso, sua presença é crucial para a conservação da biodiversidade em todos os biomas brasileiros, incluindo Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal.

# Comunidades e povos tradicionais: quem são?

No Brasil, esses povos estão presentes em todos os biomas e são oficialmente reconhecidos pelo Decreto nº 6.040/2007, que instituiu a Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais. Entre eles estão indígenas, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos, ciganos, entre outros, totalizando 28 segmentos.

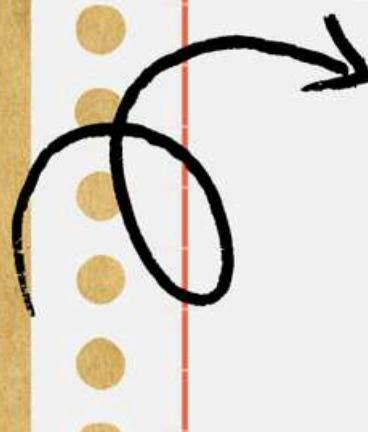
Além de proteger florestas e regular o clima, esses grupos fortalecem a sociobioeconomia, com práticas sustentáveis como o uso de frutas, óleos, plantas medicinais e o etnoecoturismo. Assim, contribuem para um modelo de desenvolvimento mais justo e sustentável para o Brasil e para o planeta.



## Quilombolas e Povos Indígenas



Os povos indígenas e quilombolas, respectivamente, têm reconhecimento assegurado pelos artigos 231, da Constituição Federal e 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Os demais grupos ainda lutam por instrumentos legais de reconhecimento de seus territórios.



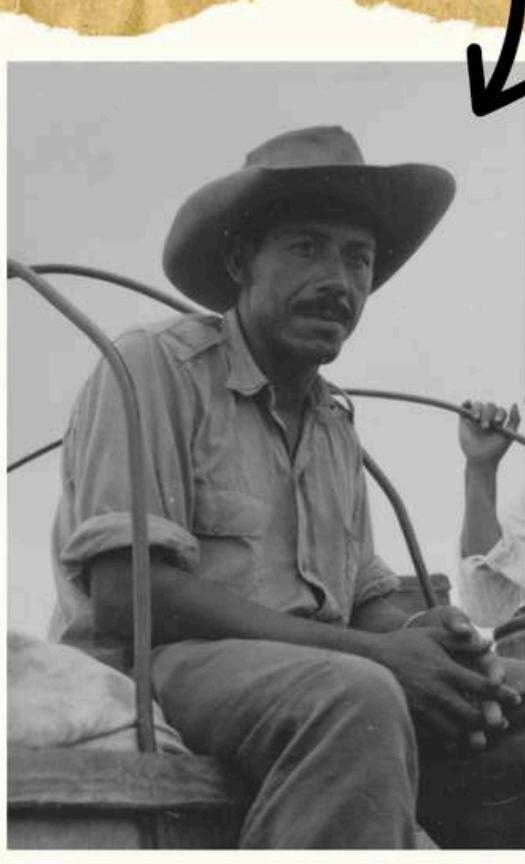
# ANDIROBEIROS



APANHADORES DE FLORES SEMPRE-VIVAS



CABOCLOS



BENZEDEIROS

CAIÇARAS<sup>6</sup>

# FUNDO E FECHO DE PASTO

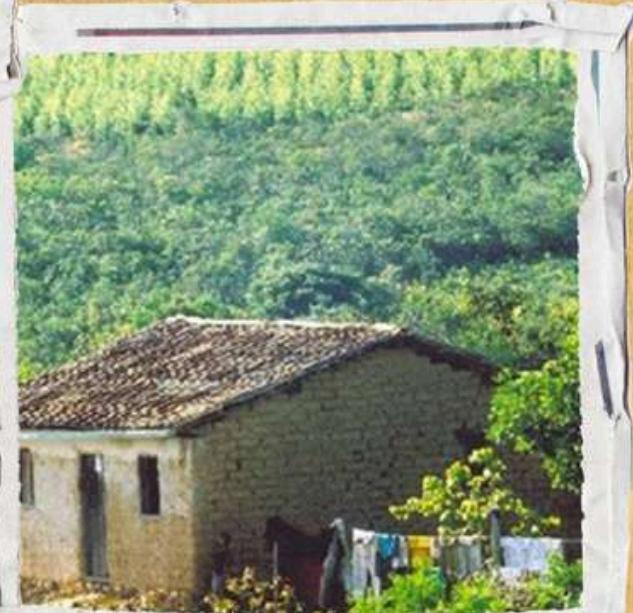
No coração do sertão baiano, entre a aridez e a caatinga que desafia o sol, florescem mais de mil comunidades de Fundo e Fecho de Pasto. São trabalhadoras e trabalhadores sertanejos. Há mais de trezentos anos mantêm forte conexão com a terra, partilham áreas livres, praticam a agricultura familiar, criam gado solto onde há água, e assim sobrevivem às estiagens.



## FAXINALENSE



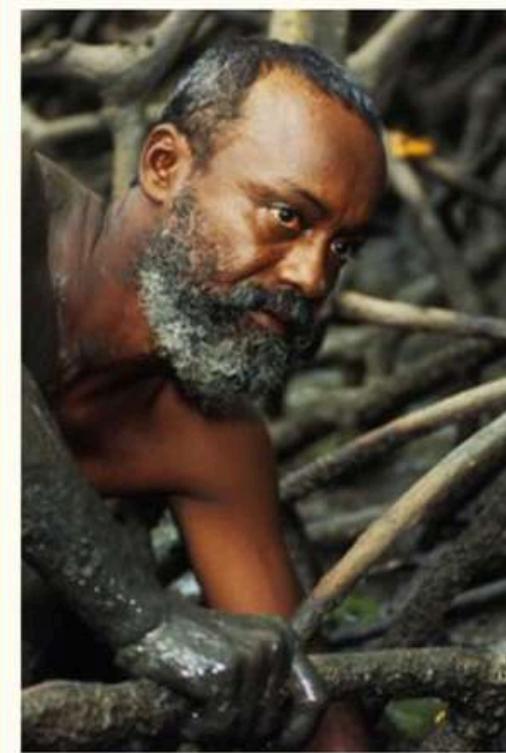
## GERALISZEIROS



## EXTRATIVISTAS



CIPÓZEIROS



EXTRATIVISTAS  
COSTEIROS E  
MARINHOS

## ILHÉUS

Nas águas que banham os litorais, vive um povo cuja existência se funde com o ritmo das marés e os mistérios do oceano. Os Ilhéus descendem de antigos navegadores e pescadores, habitam pequenas ilhas dispersas, e são tradicionais conhecedores dos segredos e ciclos do mar. Suas tradições passam de geração em geração. As comunidades, por vezes isoladas, possuem identidade única, são autogovernadas por assembleias e caracterizadas pela solidariedade. A pesca é a principal atividade, com vasto conhecimento sobre as correntes marítimas, as marés e os ventos, que os tornaram exímios navegadores.



# MORROQUIANOS

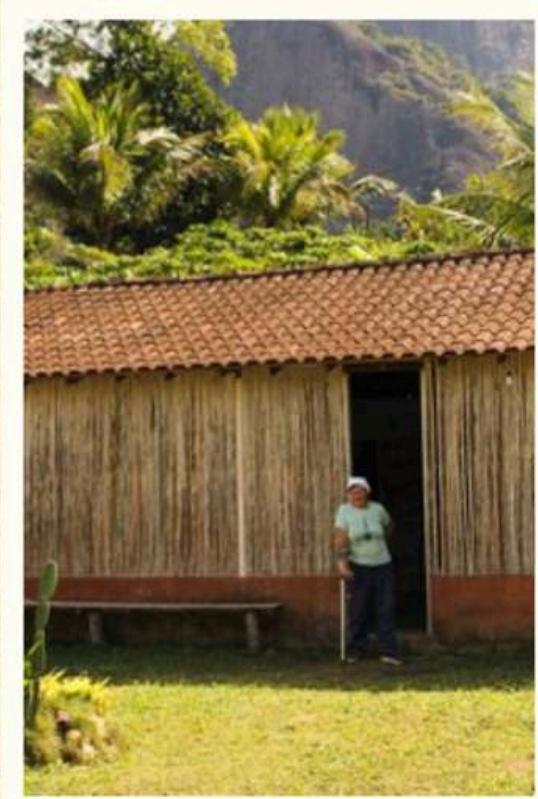
Nas encostas dos morros das metrópoles, vive um povo cuja história mescla os desafios da vida urbana com a riqueza de suas tradições. Os Morroquianos, habitantes das comunidades e favelas, protagonizam uma narrativa de luta, superação, adaptação e resiliência. Têm suas raízes nos fluxos migratórios que moldaram as cidades durante séculos. Descendentes de trabalhadores rurais, imigrantes e refugiados, sua identidade se forja na diversidade étnica e cultural. São comunidades muitas vezes marginalizadas e estigmatizadas, que enfrentam a falta de serviços como educação, saúde e segurança, na ausência de justiça social e igualdade de direitos. Ainda assim, orientam-se pela solidariedade e, apesar das adversidades, manifestam resiliência e criatividade.



# PANTANEIROS



# PESCADORES ARTESANAIS



POVO POMERANO

POVOS CIGANOS



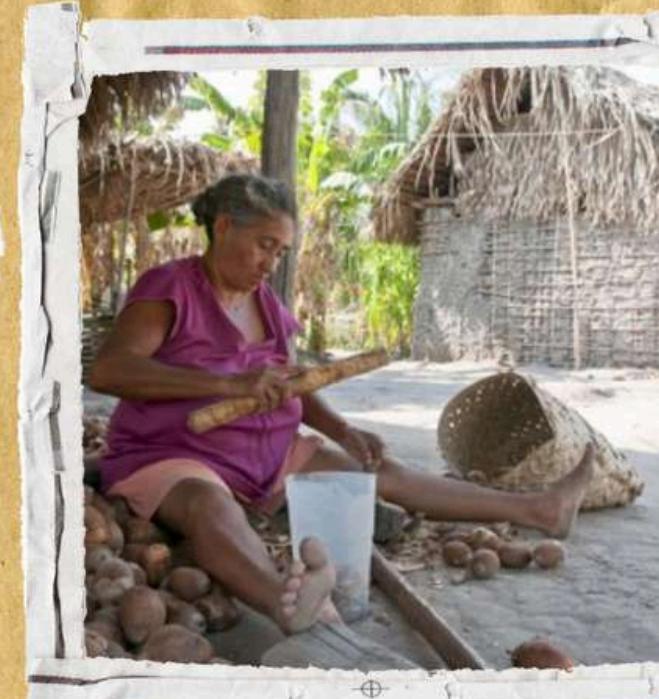
COMUNIDADES DE TERREIRO/POVOS E COMUNIDADES DE MATRIZ AFRICANA

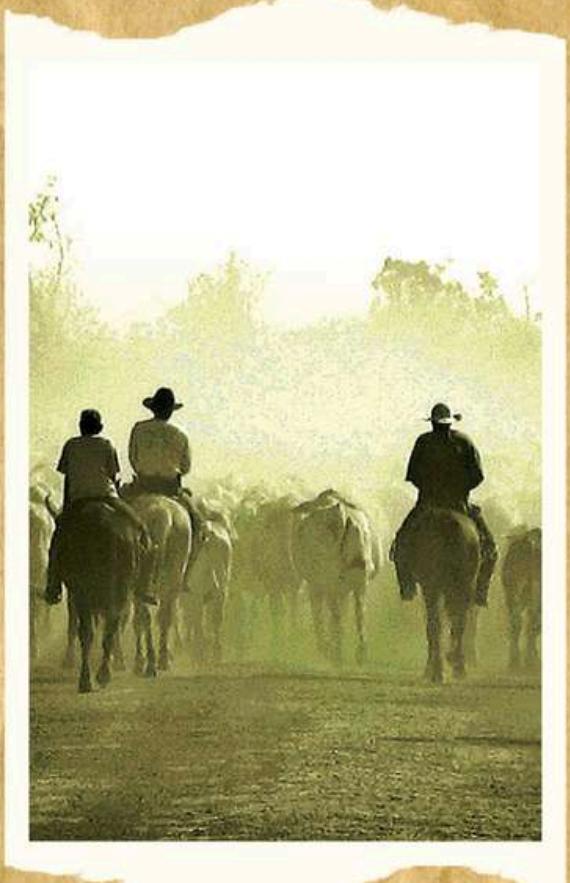


QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU



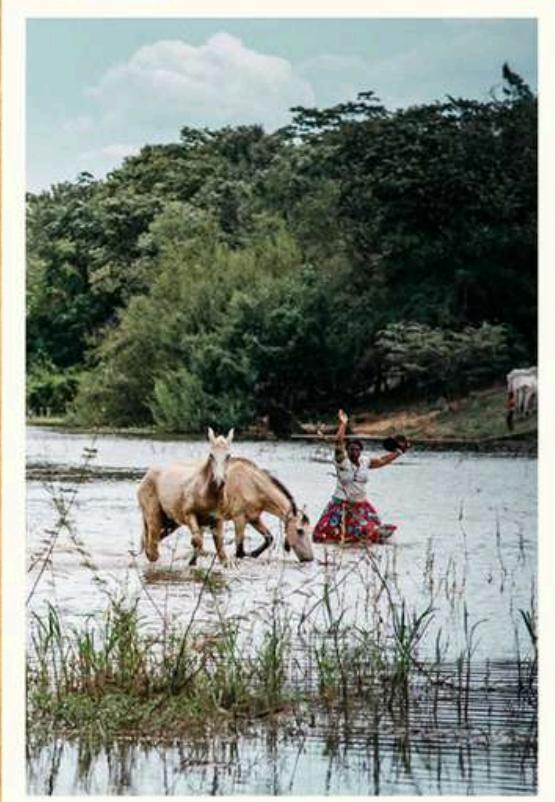
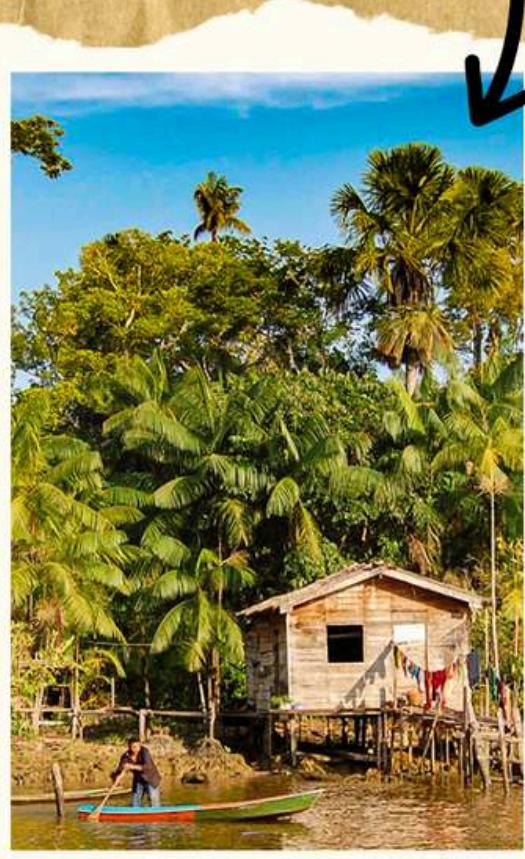
RAIZEIROS





RETIREIROS DO  
ARAGUAIA

RIBEIRINHOS



VAZANTEIROS



VEREDEIROS



# **DESMISTIFICANDO PRECONCEITOS: POVOS ORIGINÁRIOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS**

POR: JULIA GONÇALVES

Os preconceitos contra os povos originários e comunidades tradicionais foram construídos historicamente a partir da colonização, da violência e da imposição cultural. Esses povos foram descritos como “selvagens” ou “incapazes” para justificar a exploração de seus territórios e a negação de seus modos de vida. Essa visão desumanizadora ainda persiste em discursos que reforçam desigualdades. Desmistificar esses preconceitos é enfrentar essa herança colonial.

Um estigma comum é o de que vivem “parados no tempo”, quando, na verdade, participam das transformações sociais, estudam, trabalham e produzem conhecimento em diálogo com o mundo contemporâneo. Também é falso o mito da “improdutividade”: suas práticas sustentáveis são essenciais à preservação ambiental e oferecem respostas às crises climáticas.

É preciso ainda romper com a ideia de homogeneidade. “Povos originários” e “comunidades tradicionais” reúnem enorme diversidade de culturas, línguas e visões de mundo, que integram a identidade nacional. Reduzi-los a estereótipos empobrece nossa compreensão e apaga suas contribuições à sociedade.

Superar esses preconceitos é um compromisso coletivo de revisar a história e combater o racismo estrutural que silencia vozes. Valorizar seus saberes é fortalecer a justiça social e o respeito à diversidade, reconhecendo que esses povos estão no centro da construção e continuidade do Brasil.

# MEIO AMBIENTE E COMUNIDADES TRADICIONAIS

POR: EDUARDA DE DEUS AMARAL

O fato é que há anos o Meio Ambiente vem sendo pauta de discussões entre as nações do mundo, conferências climáticas são realizadas mobilizando líderes, especialistas e organizações civis, com a promessa de construir soluções para frear a degradação ambiental. Durante esses encontros, quando o tema está sob os holofotes da mídia internacional, a importância das comunidades tradicionais brasileiras é colocada em evidência, destacando sua relação equilibrada com a natureza. Esses povos são constantemente apresentados como exemplo de sustentabilidade, já que suas práticas de manejo dos recursos naturais demonstram respeito e cuidado com o meio ambiente. No entanto, essa valorização costuma permanecer apenas no discurso. Quando se trata de efetivar políticas públicas que garantam direitos territoriais, de saúde e de educação a essas populações, a atenção desaparece, cedendo lugar a interesses econômicos e políticos.

Esse contraste evidencia uma contradição: ao mesmo tempo em que as comunidades tradicionais são colocadas na posição de guardiãs da biodiversidade, elas continuam sendo alvo de ameaças, violências e invasões em seus territórios. Sem proteção efetiva, não há como assegurar a preservação dos ecossistemas, já que essas comunidades estão na linha de frente da resistência contra a exploração.

# **SABERES ANCESTRAIS**

**POR: GLAUCIA DIAS**

**Os saberes ancestrais reúnem conhecimentos, práticas, tradições e crenças transmitidos entre gerações, sustentando a identidade cultural, o equilíbrio ecológico e modos de vida sustentáveis em harmonia com a natureza. Essas práticas milenares, como o uso medicinal de plantas e o manejo natural do solo, contribuem para a saúde e para o combate às mudanças climáticas. Apesar da tentativa histórica de apagamento causada pela colonização e pela valorização de saberes externos, os povos originários e tradicionais seguem resistindo e preservando seus conhecimentos. Um exemplo é o preparo do vinho da folha de algodão, segundo Maria Fernandes, é um remédio tradicional usado por mulheres no pós-parto por suas propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias e cicatrizantes, transmitido entre gerações como forma de reverência e respeito aos ancestrais. Assim, preservar o meio ambiente nossa “casa comum” é fundamental para garantir a continuidade desses saberes e da relação harmoniosa entre humanidade e natureza.**

POR: GLAUCIA DIAS



## Receita do Vinho da folha do algodão:

- 10 folhas de algodão verdes
- 300 ml de água
- 1 panela média
- 1 prato
- 1 copo de 200ml

### Modo de preparar:

Lavem as folhas de algodão, coloque-as no prato, em uma panela coloque 300 ml de água e deixe ferver por 5 minutos, desligue o fogo, segure nos talos das folhas do algodão e enfiem na água quente por uns 4 minutos em seguida deixe esfriarem no prato, depois as macerem com mãos até obter um líquido cor de vinho.

# A IMPORTÂNCIA DE SE ENXERGAR AS COMUNIDADES TRADICIONAIS

POR: VICTÓRIA EVA

Quando pensamos em mudanças climáticas, costumamos imaginar novas tecnologias ou ações governamentais, mas no Brasil já existem respostas antigas: os saberes das comunidades tradicionais. Povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caiçaras e outros sempre viveram em equilíbrio com a natureza, conhecendo profundamente os ciclos da terra, da água e das florestas. Suas práticas sustentáveis como agroflorestas, pesca artesanal e uso coletivo da terra mostram que é possível produzir sem destruir.

Mesmo assim, essas comunidades ainda sofrem preconceito e são vistas como atrasadas, quando na verdade são as que mais protegem os biomas brasileiros. Além disso, são as primeiras a sentir os efeitos da crise climática. Valorizar seus saberes é uma questão de justiça e uma forma inteligente de enfrentar os desafios ambientais.

Reconhecer essas populações como parte da solução significa incluir sua voz nas decisões e unir o conhecimento científico à sabedoria ancestral. O futuro do Brasil depende desse diálogo e do fortalecimento dos modos de vida que sempre souberam cuidar da terra.

# O IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NAS COMUNIDADES INDÍGENAS

POR: GUILHERME BORGES

ENXERGAR

A forma como povos originários convivem e interagem com o ambiente à sua volta está intimamente ligada com a previsibilidade do clima e diversos fatores ecológicos que foram considerados imutáveis durante gerações. Porém, o impacto causado pela ação humana resultou num caos ambiental que atingiu inicialmente minorias que dependiam do local em que habitam. A falta de chuvas causa o atraso no cultivo da mandioca, do feijão, da batata-doce, do milho e várias outras culturas que compõem a base alimentar de povos indígenas, povos estes que dependem da agricultura de subsistência para manterem seu modo de vida ancestral.

Diferente de grandes latifundiários que possuem acesso a equipamentos, produtos agrícolas e grandes sistemas de irrigação, povos como os Yanomamis que residem em regiões de florestas densas não possuem essas regalias modernas e ficam à mercê de um clima cada vez mais imprevisível. Além do impacto no plantio, há também a seca dos rios que prejudica a pesca. Essas alterações no equilíbrio natural trazem consigo o aumento de doenças, já que águas paradas favorecem a proliferação de mosquitos transmissores, enquanto a fumaça das queimadas, intensificadas pelo calor e pela seca, agrava problemas respiratórios. O impacto climático, portanto, ultrapassa a questão alimentar e atinge dimensões sociais, culturais e espirituais, ameaçando saberes tradicionais e o próprio vínculo dos povos originários com a terra.

# LATIFUNDIO, VIOLÊNCIA NO CAMPO E A URGÊNCIA DA REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL

POR: BRENDÁ SAMPAÍO

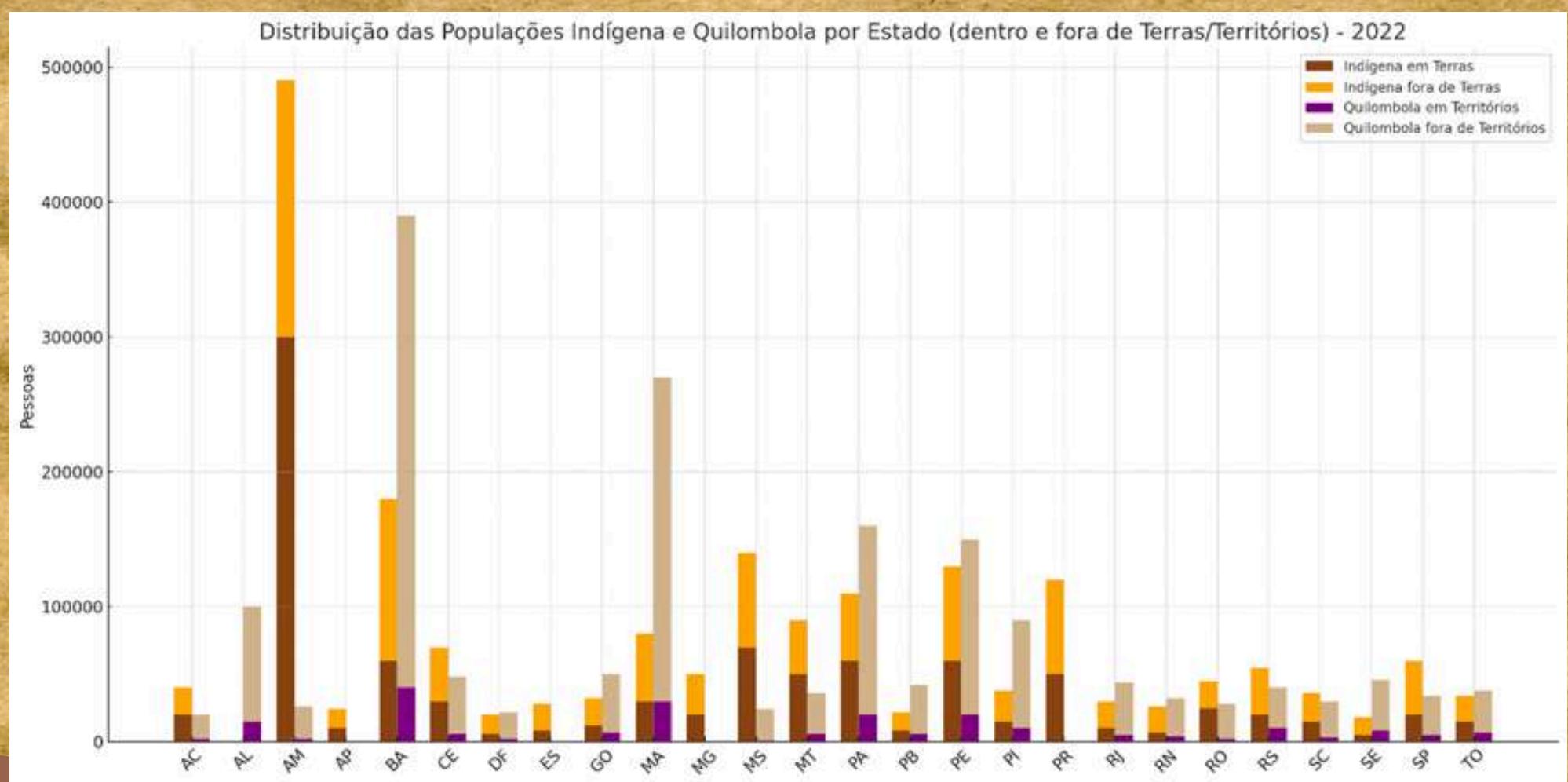
A estrutura fundiária brasileira nasce da herança colonial e ainda hoje se sustenta na concentração e na exclusão. O latifúndio, base violenta dessa lógica, segue expulsando e silenciando povos indígenas, quilombolas e trabalhadores rurais. Desde a Lei de Terras de 1850, o acesso à terra foi transformado em privilégio, consolidando uma elite branca e agrária e perpetuando desigualdades que o tempo apenas modernizou.

Os conflitos no campo, que se multiplicam em números alarmantes, têm cor, classe e território: as vítimas são negras, pobres, defensoras de direitos e de comunidades tradicionais. A violência que as atinge é sistemática, patrocinada por interesses latifundiários e acobertada por omissões institucionais. Massacres como Eldorado dos Carajás, Pau D'Arco e Colniza revelam que o sangue derramado no campo é parte da engrenagem que mantém o poder fundiário intocado. Mesmo com a Constituição de 1988 assegurando a função social da terra, o país segue paralisado diante da grilagem e da expansão do agronegócio. A ausência de uma reforma agrária real é uma ferida aberta: mais que política pública, ela é um passo civilizatório, a única via capaz de romper o ciclo de desigualdade e violência. Sem ela, continuaremos a contar corpos e a repetir o silêncio que a terra insiste em esconder.

# DADOS ESTATÍSTICOS

PESQUISAR

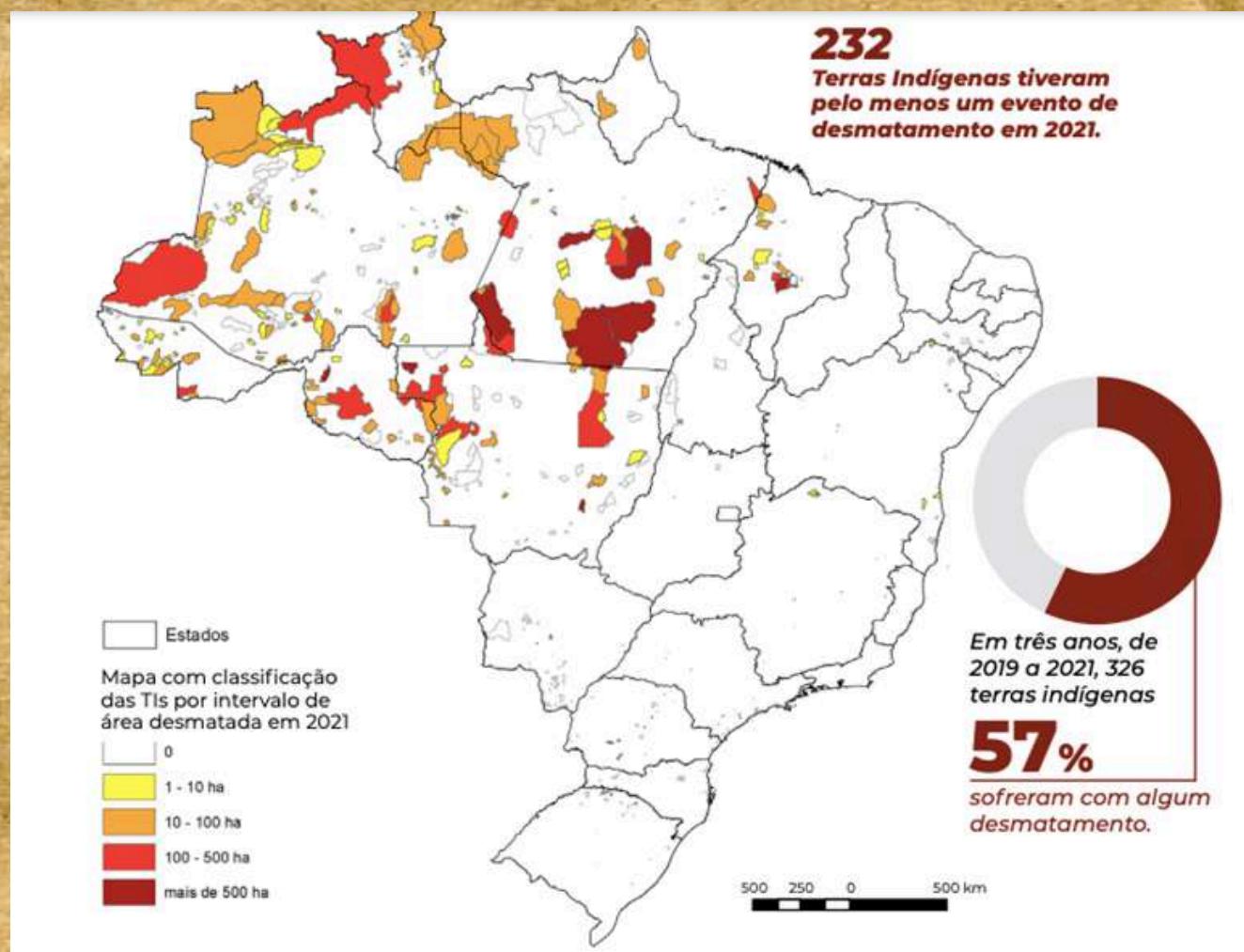
Notícias como “Terras de afrodescendentes e quilombolas têm até 55% menos desmatamento...” (Folha de São Paulo) ou “Desmatamento é quatro vezes menor onde há povos indígenas e comunidades tradicionais” (Jornal da USP) são fatos que circulam pelos meios de comunicação com relativa frequência, a preservação é algo fundamental para todos e inerente ao modo de vida de alguns. Você, leitor, já se perguntou o que acontece quando uma comunidade luta pela preservação de seu território? Ou pela sua permanência nele? Já imaginou como é ser negligenciado com o fim muito claro de deixar de existir?



FONTE: IBGE

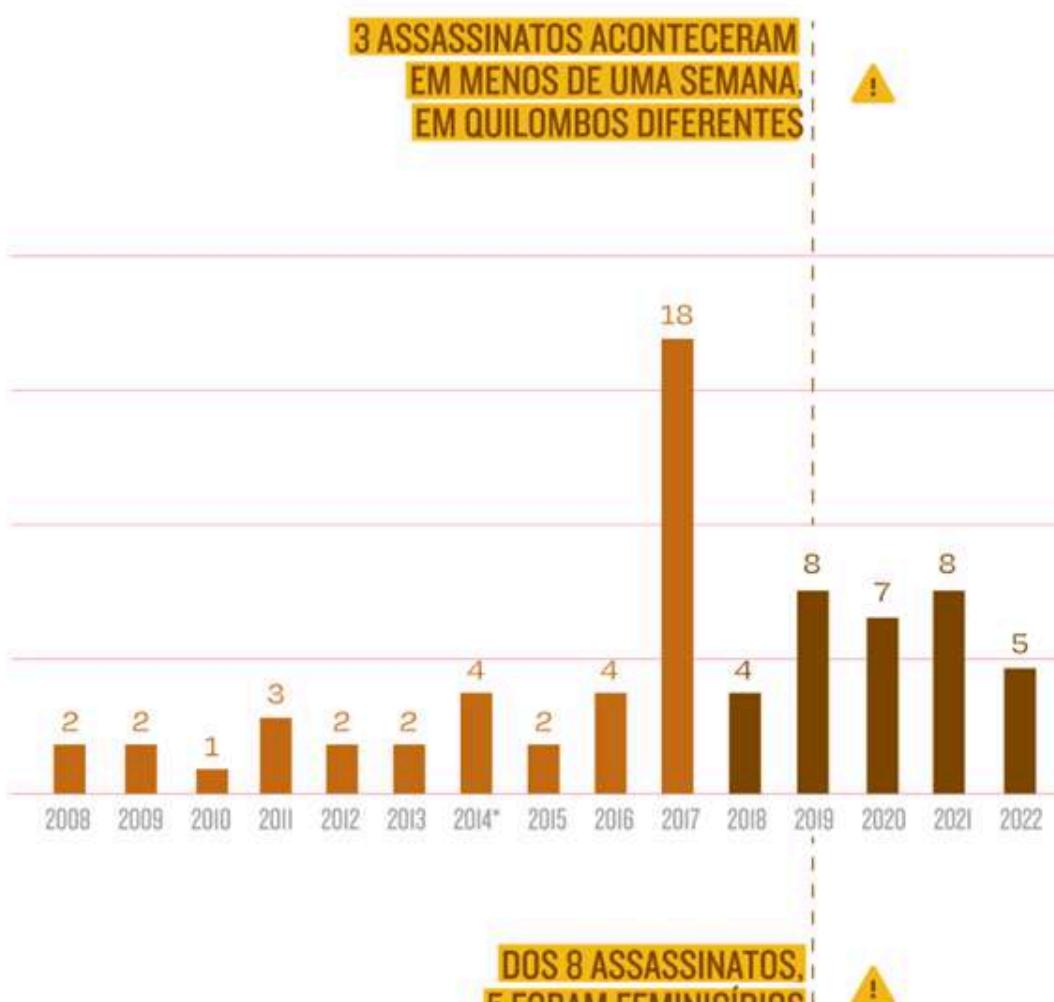


# DADOS ESTATÍSTICOS



FONTE: CFBIO; MAPBIOMAS.

NÚMERO DE  
QUILOMBOLAS  
ASSASSINADOS POR ANO  
DE 2018 A 2022



FONTE: TERRA DE DIREITOS –  
RACISMO E VIOLENCIA

20

POR: DOUGLAS REZENDE E TAINÁ RINCON

\*2 novos casos de feminicídios  
identificados posteriormente foram incluídos

# DADOS ESTATÍSTICOS

Tipos de invasão ou dano em 2023	Territórios afetados*
Desmatamento	66
Extração ilegal de madeira, areia, castanha e outros recursos naturais	62
Invasão possessória de fazendeiros e/ou posseiros	51
Agropecuária (criação de gado, monocultivos, arrendamento de terras)	40
Grilagem e/ou loteamento de terras	32
Caça e/ou pesca ilegais	32
Garimpo ou mineração	30
Danos gerais ao meio ambiente	29
Obras e empreendimentos dentro ou com impacto direto na TI	25
Danos por uso de agrotóxicos	24
Retirada, retenção ou poluição de cursos d'água e rios	20
Incêndios ou queimadas	19
Abertura de estradas ou ramais ilegais	13
Danos ao patrimônio (destruição de casas, cercas, casas de reza, etc)	8
Tráfico de drogas ou presença de narcotraficantes	6
Invasões com ataques armados e/ou ameaças	6
Diversos	3

\* um mesmo território pode ser afetado por vários tipos de invasão, exploração de recursos naturais ou danos ao patrimônio

Mortes de indígenas em 2023	Desassistência à saúde	Crianças até 4 anos	Assassinatos
Acre	13	66	6
Alagoas	1	2	0
Amapá	1	17	0
Amazonas	35	295	36
Bahia	4	11	7
Ceará	0	7	4
Distrito Federal	0	2	1
Espírito Santo	0	3	3
Goiás	0	3	0
Maranhão	1	79	10
Mato Grosso do Sul	4	124	3
Mato Grosso	11	70	43
Minas Gerais	0	17	1
Pará	12	52	4
Paraíba	0	7	6
Paraná	12	14	0
Pernambuco	9	16	0
Piauí	0	1	2
Rio de Janeiro	0	1	0
Rio Grande do Norte	0	0	2
Rio Grande do Sul	1	21	16
Rondônia	0	16	1
Roraima	2	179	47
Santa Catarina	1	7	4
São Paulo	3	11	0
Sergipe	0	1	0
Tocantins	0	18	4
Total geral	111	1.040	208

FONTE: CIMI - RELATÓRIO VIOLENCIA CONTRA POVOS INDÍGENAS - 2023



# COP 30: POLÊMICAS, EXPECTATIVAS E QUESTIONAMENTOS

POR: ALLISON OLIVEIRA E VÍCTOR ANANIAS

A 30<sup>a</sup> Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30), que será realizada em Belém do Pará, vem sendo marcada por controvérsias e críticas. Há ceticismo quanto à participação efetiva de comunidades indígenas, quilombolas e tradicionais, cujos saberes são essenciais à preservação da Amazônia, mas correm o risco de serem ignorados nas decisões. As obras de infraestrutura, com investimento superior a 5 bilhões de reais, são vistas como favorecedoras de grandes corporações, enquanto problemas locais como saneamento, áreas verdes e preservação ambiental permanecem negligenciados. Além disso, medidas como a proibição inicial de alimentos típicos, como açaí e maniçoba, foram interpretadas como desvalorização da cultura amazônica. Assim, o evento que deveria simbolizar compromisso com o meio ambiente pode acabar reproduzindo as mesmas injustiças e contradições que historicamente ameaçam a região.

# PRODUÇÕES LIVRES

TORNAR  
ACESSÍVEL

ILUSTRAÇÃO



POR: VÍCTOR ANANIAS

## SONETO

### ALÉM DOS ESTIGMAS

Ergueram mitos, frutos da invasão,  
marcando povos com rótulos crueis.

Chamaram “atraso” a preservação,  
chamaram “inferior” saberes fiéis.

Mas tais estigmas servem ao poder,  
que historicamente quis silenciar.

São vozes múltiplas, modos de viver,  
que seguem fortes, prontos a ensinar.

Não há atraso em quem semeia a vida,  
nem ignorância em quem guarda a  
raiz.

A diversidade, antes reprimida,  
é fundamento do Brasil que se diz.

Desfazer preconceitos é enxergar  
que há muitas formas de o mundo  
habitar.

POR: JULIA GONÇALVES

## CAÇA-PALAVRAS



POR: TAINÁ RINCON

- Cidadania • Respeito • História • Cultura • Identidade
- Brasileiros • Indígenas • Quilombolas • Ribeirinhos
- Comunidades • PET Vila Boa • Memória • Pertencimento tradicionais

## RESPEITO ÀS COMUNIDADES TRADICIONAIS OU MORTE!

### DIALOGO

**João (estudante):** Professora, por que sempre ouvimos falar de desmatamento, queimadas e garimpo ilegal, mas parece que nada muda

**Professora:** Porque essas práticas estão ligadas a interesses econômicos muito fortes. Mas você sabia que nas terras indígenas e quilombolas o desmatamento é até quatro vezes menor

**João:** Sério? Então proteger esses territórios ajuda a preservar a floresta

**Professora:** Exatamente. Esses povos cuidam da terra como parte de sua vida e cultura. Mas, infelizmente, eles sofrem com violência, invasões de grileiros e até assassinatos

**João:** É muito injusto... e se a gente não falar disso, parece que essas vidas não importam

**Professora:** Você tem razão. Falar, ensinar e cobrar é uma forma de resistência. A preservação da natureza e o respeito aos povos tradicionais dizem respeito a todos nós.

POR: DOUGLAS REZENDE

## ILUSTRAÇÃO



POR: VICTÓRIA EVA

ISSO NÃO!



## TEXTO

### QUANDO O CÉU SE CALA

O céu já não me guia como antes. A chuva some quando a terra pede e vem forte quando nada espera. A mandioca demora a nascer, o rio seca e leva consigo os peixes que alimentavam meu povo. As crianças perguntam por que a floresta parece triste, e eu apenas digo que a terra está cansada. Mesmo assim, continuamos a plantar e a pescar, porque nossa vida não existe sem ela.

POR: GUILHERME BORGES





## ÁGUA DA VIDA

Água sagrada  
Água bendita  
Água que dá vida  
A todos os seres.

Água que lava  
Da terra a magoa  
Vem purificar  
E tudo limpar.

Sua transparência  
Beleza não tem igual  
Com paciência  
Água dando o sinal.

A bolsa se rompe  
É água anunciando  
Que um novo ser  
Vai nascer.

Assim é a vida  
Nela tudo tem água  
Ao plantar  
Ao brotar  
Ao nascer  
E ao crescer.

O planeta agradece  
E eu também  
O que a água fornece  
E o que ela contém. 

POR: GLAUCIA DIAS

# CHARGE

**ESPETÁCULO VERDE: A AMAZÔNIA COMO CENÁRIO, NÃO COMO PRIORIDADE.**

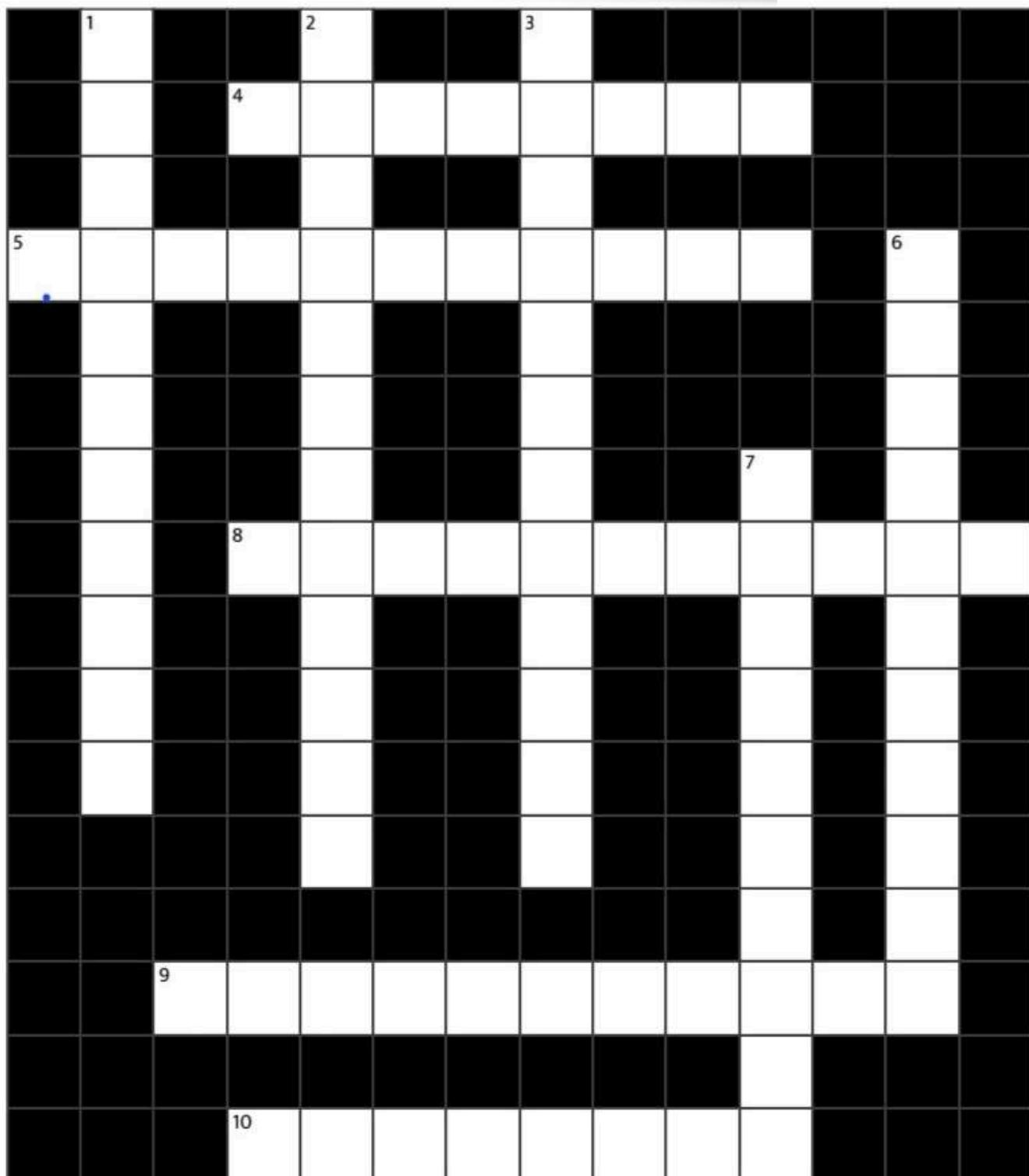
SHOW NO "AMAZÔNIA LIVE" 2025



FEITO COM O APOIO DE INTELLIGÊNCIA ARTIFICIAL

**POR: ALLISON OLIVEIRA**

# CRUZADINHA

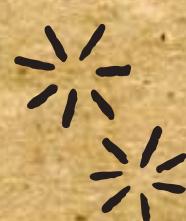


## HORIZONTAL

- (4) Pescadores e agricultores litorâneos descendentes de indígenas e português.
- (5) Habitantes do Cerrado mineiro, que praticam agricultura e criação de animais.
- (8) Rezadores que utilizam orações e saberes tradicionais para curas.
- (9) Comunidades do Pantanal, ligadas à pecuária e à pesca, descendentes de indígenas e colonizadores.
- (10) Pequenos produtores que vivem de forma sustentável em harmonia com a floresta.

## VERTICAL

- (1) Povos que vivem às margens de rios, com práticas de pesca e agricultura de várzea.
- (2) Grupos rurais do Sul, organizados em cooperação e preservação cultural.
- (3) Povos adaptados ao semiárido da Caatinga, com saberes sobre manejo da água.
- (6) Descendentes de comunidades formadas por pessoas escravizadas, símbolo de resistência.
- (7) Comunidades que extraem cipós para artesanato e subsistência.



**POR: NAYLA MILENA**

CARTAZ



POR: EDUARDA AMARAL

# GRUPO PET VILA BOA 2025



**ALLISON OLIVEIRA**  
**(ARQ. URB)**



**BRENDA SAMPAIO**  
**(ARQ. URB)**



**DOUGLAS REZENDE**  
**(DIREITO)**



**EDUARDA AMARAL**  
**(SERVIÇO SOCIAL)**



**GLAUCIA DIAS**  
**(SERVIÇO SOCIAL)**



**GUILHERME BORGES**  
**(DIREITO)**



**JULIA GONÇALVES**  
**(DIREITO)**



**NAYLA MILENA**  
**(SERVIÇO SOCIAL)**



**TAINÁ RINCON**  
**(DIREITO)**



**VICTORIA EVA**  
**(DIREITO)**



**VICTOR ANANIAS**  
**(DIREITO)**



**PROFª DRª MARIA**  
**CAROLINA**  
**(TUTORA)**

# EDIÇÃO E DESIGN DA CARTILHA

POR:



EDUARDA AMARAL



ALLISON OLIVEIRA



NAYLA MILENA

# PRINCIPAIS REFERÊNCIAS:

BIRINO, Edson Douglas; SILVA NETA, Hortência Dias. Territorialidades e Políticas Públicas: a luta das comunidades tradicionais na busca por reconhecimento e direitos. Serviço Social em Perspectiva, Especial (VIII ENMSS), 2024. Acesso em: 20 de set. de 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/8007>. Acesso em 17 de set. de 2025.

CFBIO; MAPBIOMAS. "Desmatamento em 2021 aumentou 20%, com crescimento em todos os biomas." Disponível em: <https://cfbio.gov.br/2022/07/22/desmatamento-em-2021-aumentou-20-com-crescimento-em-todos-os-biomas/>. Acesso em: 19 set. 2025.

Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Relatório Violência contra Povos Indígenas — 2023. Brasília: CIMI, 2024. Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2024/07/relatorio-violencia-povos-indigenas-2023-cimi.pdf>. Acesso em: 19 set. 2025.

COP30: as duras críticas às políticas ambientais do Brasil publicadas em importante jornal científico. G1, 20 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/cop-30/noticia/2025/03/20/cop30-as-duras-criticas-as-politicas-ambientais-do-brasil-publicadas-em-importante-jornal-cientifico.ghtml>. Acesso em: 10 de set de 2025.

FOLHA DE S. PAULO. Terras de afrodescendentes e quilombolas têm até 55% menos desmatamento, diz estudo. Folha de S. Paulo, 22 jul. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/07/terras-de-afrodescendentes-e-quilombolas-tem-ate-55-menos-desmatamento-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 19 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Povos e comunidades tradicionais. Atlas Geográfico Escolar. Disponível em: <https://atlassescolar.ibge.gov.br/brasil/3105-caracteristicas-demograficas/povos-e-comunidades-tradicionais.html>. Acesso em: 16 set. 2025.

SAGGIORATTO, Julia. Terra e poder a violência estrutural no campo brasileiro. Rede de estudos rurais. Disponível em: <https://redesrurais.org.br/terra-e-poder-a-violencia-estrutural-do-campo-brasileiro/>. Acesso em: 13 de set. de 2025.

TERRA DE DIREITOS. Racismo e violência. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/racismoeviolencia/>. Acesso em: 19 set. 2025.

USP. Desmatamento é quatro vezes menor onde há povos indígenas e comunidades tradicionais. Jornal da USP, 6 fev. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/desmatamento-e-quatro-vezes-menor-onde-ha-povos-indigenas-e-comunidades-tradicionais/>. Acesso em: 15 set. 2025.

# CONTATOS PET



SITE  
([HTTPS://PETVILABOA.ZYROSITE.COM/](https://petvilaboa.zyrosite.com/))



INSTAGRAM  
(@PETVILABOA)



PETVILABOA@GMAIL.COM

CÂMPUS  
GOIÁS



UFG  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS



FNDE  
Fundo Nacional  
de Desenvolvimento  
da Educação